

O CONHECIMENTO DE SI NO LIVRO X DO TRATADO A TRINDADE

THE KNOWLEDGE OF YOURSELF IN BOOK X OF THE TREATY A TRINITY

Bismael Nogueira de Alencar¹
Igor Angelo Leite²

Resumo: No livro X, do tratado a Trindade Santo Agostinho se propõe a fazer uma análise acerca do autoconhecimento. Segundo ele, o conhecimento da alma não se dá por meio de *specie*, como acontece com as coisas exteriores, pois a alma ao se debruçar na ideia de uma auto gnose ela se apercebe que já se conhece de modo imediato e total. Entretanto, mesmo tendo esta consciência a mesma ainda pode se enveredar pelo auto engano, que existe na inadequação entre o conhecimento de si e do pensar a si mesmo. Diante disto, o intuito deste trabalho é expor os principais pontos da análise agostiniana sobre o conhecimento de si.

Palavras-chave: Conhecimento. Alma. Interior. Autoconhecimento. Agostinho.

Abstract: In book X, from the treatise, the Trinity St. Augustine proposes to make an analysis about self-knowledge. According to him, the knowledge of the soul does not happen through *specie*, as happens with external things, as the soul, when leaning on the idea of self-gnosis, realizes that it already knows itself in an immediate and total way. However, even with this awareness, it can still go into self-deception, which exists in the inadequacy between self-knowledge and self-thinking. Given this, the purpose of this work is to expose the main points of the Augustinian analysis of self-knowledge.

Keywords: Knowledge. Soul. Inside. Self-knowledge. Augustine.

Introdução

Durante o percorrer da história vários filósofos se propuseram em analisar e em conceder, de acordo com sua época, uma concepção antropológica ao ser humano. Dentre tantas coisas que buscaram compreender acerca do homem, podemos destacar o autoconhecimento, uma problemática um tanto que complicada, pois a mesma se refere a coisas interiores do sujeito que não são visíveis aos nossos olhos. Esta problemática a princípio foi discutida na Grécia antiga pelo filósofo Sócrates, que a luz do preceito delfico: “conhece-te a ti mesmo” (*apud* GILSON, 2006, p. 279), lança aos seus discípulos a proposta de trabalharem a auto gnose, como o meio mais eficaz de se alcançar uma vida

¹ Graduando em filosofia pela Claretiana de Ensino e Bacharel em Biomedicina pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU. E-mail: bisnogueira9@gmail.com

² Graduando em teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e Licenciado em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA. E-mail: igorangeloleite@yahoo.com.br

virtuosa. Com o surgimento da filosofia cristã, os filósofos cristãos fazem ressurgir com grande importância esta problemática, “porque é preciso conhecer a si mesmo: se isso não servir para encontrar a verdade, pelo menos serve para regular a vida, e não há nada mais justo” (PASCAL *apud* GILSON, 2006, p. 278).

Entre estes pensadores cristãos queremos destacar Santo Agostinho, que no livro X do seu Tratado da Trindade desenvolve uma reflexão acerca do conhecimento de si. Vale ressaltar que sendo um exímio filósofo cristão, a sua contribuição será pautada em cima da doutrina cristã, fazendo assim uma junção entre a filosofia e a religião, algo próprio da maioria dos pensadores desta época, conforme nos afirma Pascal: “de todos os casos que o historiador da filosofia cristã pode necessitar de considerar, este é o mais exposto a crítica que lhe dirigem, a de confundir a ordem filosófica com a ordem religiosa” (*apud* GILSON, 2006, p. 279). Sendo assim, a antropologia agostiniana se desenvolverá a partir da noção do homem como um ser para Deus, que sendo feito a sua imagem e semelhança, não existe outro meio para se conhecer a não ser assumindo seu lugar em relação a Deus e as coisas, como também se esvaziando de tudo aquilo que impede de contemplar a Trindade que habita em si. Neste trabalho veremos os principais argumentos lógicos do pensamento Agostiniano em relação a problemática do autoconhecimento contidos no livro X do tratado a Trindade.

1. A natureza do conhecer

O filósofo aponta que para avançarmos bem acerca do autoconhecimento de antemão devemos ter algumas noções acerca da arte de conhecer. Segundo ele, somos movidos sempre por amor de algo, até mesmo no que diz respeito ao conhecimento, pois quando um indivíduo anseia buscar o saber de alguma coisa ou é porque ouviu dizer por alguém as virtudes e a beleza do ansiado ou porque lhe foi sugerido por alguma autoridade a esse respeito ou ainda pela experiência de outrem sobre esse objeto e isso o incitou a buscar o conhecimento sobre ele e por si só atingi-lo. Conforme evidenciamos:

[...] também não é raro que para o conhecimento de novas doutrinas sejamos levados pela autoridade de que as louva e prega; contudo se não tivéssemos impressa na alma uma leve noção daquela ciência, não arderíamos no desejo de conhece-la. Quem por exemplo, gastaria cuidados e afã em aprender retórica se não soubesse de antemão que ela é a ciência de bem falar? (AGOSTINHO, 2007, p. 39).

Assim, aquele que busca percebe, conhece e ama a beleza e a utilidade do que está a procurar em plenitude. Ele não é despertado por algo totalmente desconhecido, mas sim por algo que já se conhece em pequena escala, e que tem o desejo de se aprofundar. Esta aventura do ser humano em busca do conhecimento é algo que nunca finda, pelo fato de que a alma humana tendo em si acesa a chama do desejo de aprender, não se deixa saciar com aquilo que já adquiriu, mas sempre quer saber mais acerca daquilo que ainda carece de ser esclarecido, como nos afirma o pensador:

Quanto mais a alma vai conhecendo, sem chegar ao pleno conhecimento, tanto mais deseja conhecer o que ainda falta. Se alguém conhecesse apenas a existência da palavra, sem saber que ela é signo de alguma coisa, nada mais buscaria, contentando-se com a percepção da coisa sensível. Porém, como sabe que não é apenas uma palavra, mas também um signo, deseja ter dela um conhecimento perfeito. Mas nenhum signo é conhecimento perfeito se não se sabe de que coisa é signo (AGOSTINHO, 2007, p. 40).

Entretanto, alguém pode colocar em dúvida esta explicação, dizendo que assim como é impossível odiar o desconhecido, também será ama-lo, o que seria um equívoco, pois segundo Santo Agostinho aquilo que se ama não é o desconhecido, mas sim o conhecimento daquilo que ainda é obscuro para a alma e que precisa ser esclarecido. De acordo com Andrade, “o que Agostinho pretende mostrar é que ninguém ama o desconhecido porque a busca pressupõe sempre uma species, uma noção ou ideia” (ANDRADE, 2007, p.37). Para Santo Agostinho, é somente através desta noção acerca do objeto almejado que se pode afirmar que alguém conhece alguma coisa ou a desconhece, “pois sabemos que o conhecimento deste nos levará ao conhecimento daquele que procuramos e que ainda ignoramos, tal como a pouco falei da palavra desconhecida” (AGOSTINHO, 1994, p.43). Isso se refere ao conhecimento das coisas exteriores, porém como acontece em relação ao conhecimento da alma?

2. O conhecimento da alma

Após mostrar que só podemos conhecer aquilo que de antemão temos uma especie (noção). O filósofo de Hipona lança uma análise sobre quatro hipóteses com o intuito de saber se com a alma acontece deste mesmo modo. Na primeira hipótese ele afirma:

Ou será que lhe falaram da sua beleza, da mesma maneira que costumamos ouvir falar das coisas ausentes? Talvez então se não ame a

si, mas ame aquilo que de si imagina, coisa provavelmente muito diferente daquilo que ela própria é. Ou, se a mente se imagina igual àquilo que é e, por isso, quando ama essa representação, se ama a si antes de se conhecer porque vê uma coisa igual a si, conhece, por consequência, outras mentes a partir das quais se imagina e, mediante esse modelo, é conhecida por si mesma. (AGOSTINHO, 2007, p. 68).

Esta hipótese parte da afirmação de que a alma se conhece a partir de uma imagem que produz de si mesma, ou seja, de uma autorrepresentação. Contudo, como pode a alma amar esta autoimagem sem saber algo de si? É um equívoco afirmar tal hipótese, pois a alma só pode fazer uma imagem de si se ela souber de si. Diante disto, ainda pode se objetivar que a auto gnose da alma se origina a partir do conhecimento dos outros, o que segundo Santo Agostinho também seria uma afirmação falsa, pois

Por que motivo é, pois, que, conhecendo ela outras mentes, se não conhece a si, quando nada pode ser-lhe mais presente do que ela mesma? Se, para os olhos do corpo, são mais conhecidos os outros olhos do que eles próprios a si mesmos se conhecem, que a mente não se busque a si mesma, porque jamais se encontrará. (AGOSTINHO, 2007, p. 68).

Segundo Andrade, Santo Agostinho concordando com Plotino “afirma o caráter imediato do conhecimento de si. Retomando a objeção de que o conhecimento que a *mens* tem de si mesma poderia advir do conhecimento dos outros, Agostinho procura refutá-la pela redução ao absurdo” (ANDRADE, 2007, p.54). Sendo assim, para o Filósofo Cristão é reduzir ao ilógico afirmar que a alma conhecer os outros, sem ao menos antes ter consciência de si mesma.

Na segunda hipótese ele supõe que embora a alma não se conheça, ela conheça a beleza de se auto conhecer, o que seria algo incoerente, uma vez que é inconcebível a alma amar a beleza de conhecer-se sem fazer a experiência do mesmo:

Ou será que ela vê na razão da verdade eterna como é belo conhecer-se a si mesma, e ama aquilo que vê, e se esforça por realizá-lo em si, porque, embora se não conheça a si mesma, conhece, contudo, como é bom conhecer-se a si mesma? Mas é certamente muito estranho não se conhecer ainda e conhecer já como é belo conhecer-se. (AGOSTINHO, 2007, p. 68).

Na terceira hipótese o autor presume que a busca da alma pela auto gnose está atrelada ao desejo de alcançar o sumo bem, ou seja, ela só busca o autoconhecimento porque quer possuir o bem na sua totalidade. Para o Bispo Agostinho tal afirmação é errônea, pois não tem lógica a alma lembrar do bem supremo, sem se lembrar de si:

Ou será que, por uma secreta recordação, que a não abandonou no seu longo peregrinar, vê um fim mais nobre, ou seja, a sua salvação e a sua bem-aventurança, e acredita que não pode atingir esse mesmo fim se não se conhecer a si mesma? Assim, amando uma coisa, procura a outra, e ama aquilo que é conhecido, por causa do qual procura o desconhecido. Porque é então que a memória da sua bem-aventurança pôde perdurar, e com ela não pôde perdurar a memória de si mesma, de modo a que ela, que quer chegar, se conheça a si mesma tanto quanto conhece aquilo a que quer chegar? (AGOSTINHO, 2007, p. 69).

E, por fim, na quarta hipótese o filósofo pressupõe que a alma antes de saber de si, ela ama a arte de se auto conhecer. Entretanto fazer tal afirmação é ainda se deparar com uma contradição, devido a alma não pode amar o autoconhecimento se não passou ainda por esta experiência, pois como “sabe o que é conhecer e, na medida em que ama aquilo que conhece, também deseja conhecer-se, portanto, quando é que conhece o seu conhecer se não se conhece a si mesma?” (AGOSTINHO, 2007, p. 69).

Mediante isto, Santo Agostinho nos evidencia que pensar a auto gnose da alma a partir da *specie* é um grande equívoco que conduz a muitas contradições, pois o processo ocorre de modo inverso. O autoconhecimento é quem realmente é o princípio de necessidade para o conhecimento e para o surgimento da *specie*. Deste modo, ao buscar conhecer qualquer coisa a alma já se conhece, pelo fato de que conhecer algo é ter consciência que se conhece:

Depois, quando se procura para se conhecer, já se conhece procurante. Logo, já se conhece. Por isso, ela que se sabe a si mesma quando se sabe nesciente, não pode de modo algum não se saber. Se não se souber nesciente, não se procurará para que se saiba. Por isso, precisamente porque se procura, convence-se de que é para si mais conhecida do que desconhecida. De facto, na medida em que se procura para se conhecer, conhece-se como procurante e como nesciente (AGOSTINHO, 2007, p. 69).

3. O conhecimento da alma é total

Como evidenciamos anteriormente, o conhecimento que a alma tem de si mesma não precisa de *specie*, é de modo imediato. Diante disto, pode-se direcionar a problemática por outro caminho e buscar afirma que a alma se conhece em parte e em parte se ignora. Para Andrade, a ideia de “partes” da *mens* seria a tentativa incorreta de explicar o incorpóreo pelo corpóreo” (ANDRADE, 2007, p.59). Algo que não é aceito por Agostinho: “[...]nas coisas incorpóreas não é dado empregar algo de tal[...]”

(AGOSTINHO, 2007, p. 68). Descarte, seguir por esta linha de raciocínio é um grande erro, pois a alma não somente se conhece de imediato, mas também na sua totalidade.

Segundo o filósofo cristão, supor que ela nesta busca se ignore, é algo que não pode ser aceito, pois só é possível amar aquilo que lhe é conhecido. Sendo assim, essa totalidade é possível pelo fato de que ao passo que a alma busca se conhecer, ela reconhece que é alma na sua totalidade e não em partes: “ora a alma ao investigar o que seja a alma, fica sabendo ao mesmo tempo que se procura e por isso fica conhecendo que ela mesma é alma. Se, pois, sabe em si mesma que é alma, e é alma inteira conclui-se que se conhece totalmente” (AGOSTINHO, 1994, p. 192).

Contudo, se a alma sabe que é alma, porque então procura ainda conhecer-se? De acordo com Santo Agostinho, a resposta para isso pode se encontrar na hipótese do esquecimento de si: “E, assim, procura o que falta, do mesmo modo que nós costumamos procurar que nos venha à mente aquilo que se nos escapou, mas não escapou completamente porque pode ser conhecido como aquilo que se procurava quando vier à mente” (AGOSTINHO, 2007, p. 70). No entanto, pelo fato da alma está toda presente em si mesma, ela não pode esquecer de si e nem buscar lembra de si como se esquece e se lembra das coisas, pois afirma tal hipótese é dizer que ela vai ao encontro dele sem estar nela o que seria uma grande contradição: “como há-de a mente vir à mente, como se a mente pudesse não estar na mente?” (AGOSTINHO, 2007, p. 70). Assim, como é ilógico fazer tal afirmação, pode se concluir que a alma de maneira nenhuma busca a si mesma: “Por consequência, uma vez que nem é a mente na sua totalidade que se procura, nem parte nenhuma dela se procura a si mesma, a mente, simplesmente, não se procura” (AGOSTINHO, 2007, p. 71).

4. Reformulação do conhece-te a ti mesmo

Como evidenciamos anteriormente, a alma já se conhece de modo imediato e total, sendo assim, qual seria então o sentido de uma auto gnose? Segundo Santo Agostinho, o intuito do autoconhecimento é que alma possa percorrer um caminho de purificação moral, pois a mesma atribuiu para si coisas que não são oriundas dela, mas sim da beleza suprema que habita na mesma. Deste modo, ao fazer tal confusão a mente vai de passos em passos se distanciando de Deus e se apegando de modo desordenado as coisas exteriores:

De facto, vê coisas intrinsecamente belas numa natureza superior, que é Deus. E quando devia parar para fruir delas, ao pretender atribuí-las a si e, considerando-se semelhante a Deus não por obra dele, mas por si própria, ao pretender ser aquilo que ele é, afasta-se dele, desvia-se e cai no menos e no menos que julga ser o mais e o mais, porque nem ela se basta a si, nem nada basta a quem se aparta daquele que é o único que basta. E, por isso, por sua indigência e por sua dificuldade, entrega-se excessivamente às suas acções e aos desassossegados deleites que nelas colhe [...] (AGOSTINHO, 2007, p. 71).

Tal apego desenfreado faz com que a alma deixe de lado sua segurança própria e passe a se apoiar em seguranças falsas, algo que conduz a mesma a sair de si e a se afastar mais e mais de Deus. O problema não reside em ir ao encontro das coisas exteriores, que é uma das condições de se adquirir o conhecimento, mas em partir a este encontro com um amor desenfreado. Neste processo, por se encher cada vez mais de orgulho, a alma termina por se despenhar a condição dos animais irracionais, e assim, “egoisticamente avara, enche-se de erros, e egoisticamente pródiga, esvazia-se de forças” (AGOSTINHO, 2007, p. 123). Consequentemente por se deixar conduzir pelo pecado ela é excluída da felicidade. Sendo assim, o preceito da auto gnose suscita que a alma assuma o seu verdadeiro local, que é abaixo de Deus e acima de todas as coisas.

Em minha opinião, para que pense em si e viva segundo a sua natureza, isto é, para que anseie ocupar a ordem que lhe cabe segundo a sua natureza, ou seja, debaixo daquele a quem deve estar submetida, e acima das coisas a que deve antepor-se; debaixo daquele por quem deve ser governada, acima das coisas que deve governar (AGOSTINHO, 2007, p. 71).

Contudo, mesma sabendo o intuito do preceito podemos ainda nos interrogar como pode se dar este autoconhecimento, tendo em vista que a alma já tem o conhecimento de si? Para o filósofo a resolução está na distinção entre o conhecer e o pensar. De acordo com Santo Agostinho, existe uma diferença entre o conhecer e o pensar que ajudam na resolução desta problemática. Isso podemos evidenciar em um exemplo dado pelo mesmo: o ato de uma pessoa dotada do conhecimento das ciências, não pensar na gramática, quando pensa na medicina, não quer dizer que a mesma ignore a gramática, mas que ela a conhece, apesar de não pensar nela. Assim do mesmo modo acontece com a alma, ela já se conhece, entretanto ainda busca se pensar. O pensar implica reunir tudo o que não está aparente e disperso, a “presença despercebida de si” (ANDRADE, 2007, p.68): “Sabes isso, mas ignoras que sabes; te recordarei e encontrarás que sabes aquilo

que pensavas ignorar” (AGOSTINHO apud ANDRADE, 2007, p. 67). Desta forma, quando a alma se conhece, ela é presença alheia a si, mas quando se pensa é presença consciente de si.

O pensamento de si é entendido por Agostinho como um voltar-se a si, uma conversão: Só resta que, na *mens*, a presença a si seja algo pertinente à sua própria natureza; e quando pensa em si mesma, ela volte-se para si mesma, não como pela extensão de um lugar, senão por uma conversão incorpórea (ANDRADE, 2007, p.71).

A vista disto, a alma que anteriormente estava distante de si e de Deus, através do auto pensar encontra o caminho de conversão, que a ajuda a se distanciar do supérfluo e a voltar-se par si. Neste sentido, o filósofo cristão não anula o preceito délfico, mas propõe uma releitura do mesmo, que passa ser formulado como o volta-te a ti mesmo.

5. O conhecimento de si

Conforme discorremos acima, a alma através do desejo nocivo se debruça as coisas exteriores de tal modo que acaba esquecendo de si mesma. Para o autor isto não acontece de fato, de modo concreto, mas sim no pensamento, ou seja, ela pensa ser um corpo, algo que não é: “quando julga uma dessas coisas, pensar que é um corpo” (AGOSTINHO, 2007, p. 73). Diante disto, como a alma deve fazer o movimento de pensar a si mesma, sem fazer a utilização de imagens corpóreas? O filósofo resolve esta problemática fazendo uma distinção entre presença e encontro.

Esta problemática tem seu núcleo no vício, que a alma adquiriu no costume para com o mundo corpóreo, de pensar a si mesma sem imagens corpóreas. Ficar presa a este costume é um equívoco, pois, segundo santo agostinho a alma é presença a si mesma e por isso não se encontra a si mesma como se estivesse ausente. O que ela encontra quando busca são três coisas: os corpos, as imagens dos corpos e Deus, e não a si mesma, pois sendo presença de si mesma não está ausente de si. Sendo assim, para alcançar o auto pensar sem estas imagens, a alma deve praticar o exercício do discernimento, para que possa se distinguir de tudo aquilo tomou para si do exterior. Tal afastamento possibilita a alma entender que a sua presença a si mesma, não carece de encontrar algo, mas somente entender o preceito que lhe é proposto:

Mas quando se diz à mente: “conhece-te a ti mesma”, no instante em que compreende o que lhe é dito: “a ti mesma”, a si mesma se conhece, e por nenhuma outra razão que não seja o facto de estar presente a si mesma. Mas se não entende o que foi dito, de modo nenhum o faz. Ordena-se-lhe, pois, que faça aquilo que faz quando compreende a própria ordem (AGOSTINHO, 2007, p. 77).

Ao entender o preceito e a sua proposta, a alma o cumpre e por isso se pensa e reconhece que se autoconhece. Mediante isto, ela tem a convicção que o preceito é destinado a ela, que é, vive e entende, como um ser que é puramente inteligência. Esta tomada de consciência de que é, vive e entende, concede a alma uma superioridade em relação aos animais, pois os mesmos são e vivem, contudo não tem consciência disto: “O cadáver também é e também vive o animal; mas nem o cadáver nem o animal entendem. Assim, portanto, ela sabe que é e vive como é e vive a inteligência” (AGOSTINHO apud ANDRADE, 2007, p 82). Destarte, a alma é, vive e pensa com uma inteligência, ou seja, de uma maneira que lhe é peculiar e que a torna acima de todo e qualquer ente que vive.

Para Santo Agostinho é somente por meio desta trindade (ser, viver e pensar) que é possível a alma se conhecer de modo seguro e indubitável. Tal saber preciso, é possível por meio da faculdade de duvidar, pois como só pode duvidar aquele que existe e como é impossível duvidar que duvida, logo a arte de duvidar revela o ser da alma. Esta certeza da alma que é, vive, pensa, recorda, julga, ou seja, a sua presença a si mesma, é o conhecimento indubitável de si. Segundo o autor, pelo fato de ser impossível se conhecer e não saber da sua essência, então ao adquirir uma auto gnose indubitável, ela conhece a sua essência e a natureza dessa mesma essência:

E de modo nenhum tem a certeza se é ar, ou fogo ou qualquer outro corpo ou parte de um corpo. Logo, não é nenhuma dessas coisas. E tudo quanto lhe for ordenado para se conhecer a si própria se reconduz a isto, a que tenha a certeza de não ser nenhuma dessas coisas em relação às quais não tenha certeza, e que tenha a certeza de ser apenas aquilo que tem a certeza de apenas ser (AGOSTINHO, 2007, p. 80).

Enfim, o autoconhecimento da alma acontece quando a mesma não se apegar mais as imagens corpóreas para se pensar e se esvazia por completo das mesmas. Atingindo esta meta, ela se autoconhece na sua essência trinitária: que é, vive e entende, de modo total e indubitável, pois aí não resta mais nada do que ela mesma na sua totalidade. O autoconhecimento é de suma importância, pois segundo Santo Agostinho o mesmo levará

a alma a refletir sobre si e assim passar a viver de acordo com a sua própria natureza, sem se apegar mais a falsas imagens de si.

Considerações finais

A concepção Agostiniana acerca do autoconhecimento se desenvolve através da problematização, uma atividade peculiar da filosofia que concede ao argumento força e veracidade, por se tratar de um trabalho bem minucioso e preciso. Santo Agostinho inicia sua análise problematizando sobre o conhecimento das coisas exteriores, que para serem conhecidas precisam de uma *specie*: uma noção previa sobre o objeto, que impele em quem dela tiver conhecimento a buscar conhecê-lo. Isso se dá assim porque não se pode amar algo que seja totalmente desconhecido, mas sim, algo que pelo menos em pequena escala tem ideia.

Já a auto gnose da alma não precisa de *specie* para acontecer, pois o conhecimento que ela tem de si é de modo imediato, ou seja, ao passo que busca conhecer já conhece a si mesma. Se já não se conhecesse, seria impossível fazer a separação entre ela e as outras coisas que existem. Sendo assim, para que a alma possa conhecer qualquer coisa primeiramente ela deve se conhecer, pelo fato de que seu autoconhecimento é a condição de todos os demais acontecerem. Esse conhecimento não é por parte, mas sim é total, pois é a alma toda que sabe o que sabe; e é indubitável, ou seja, uma concepção inabalável, comprovada através da noção de dúvida, porque ao duvidar, toma conhecimento que duvida, e se duvida sabe que realmente existe.

Contudo, mesmo tendo o conhecimento de si a alma deve assumir a atitude da reformulação do preceito délfico feita pelo filósofo: o pensar a si mesma, pois o fato de já se auto conhecer, não quer dizer que ela pense em si mesma. Isso é importante pois ajudará a alma a reunir a presença despercebida de si, pois ao tentar se conhecer como corpórea através de imagens exteriores a mesma se encaminhou para uma confusão que resultou em se tornar esquecida de si mesma. Através do auto pensar, a alma é convidada a trilhar um caminho de conversão onde possa se esvaziar por completo de tudo aquilo que acrescentou a sua essência, mas que na realidade não pertence a ela. Tendo assimilado o preceito e colocado em prática, a alma se auto conheceu como uma presença na qual habita uma trindade, reflexo da Trindade Santa, Pai, Filho e Espírito Santo: ela é, vive e entende, é uma inteligência, ou seja, a imagem e semelhança de Deus.

Esta proposta de Santo Agostinho de mergulhar no interior da alma para se autoconhecer, é proposta um tanto interessante para nós dos tempos de hoje que fixamos demais o nosso olhar no conhecimento das coisas exteriores, mas não somos capazes de nos autoconhecer. Tal moção de ascese nos suscitará ao desprendimento de tudo aquilo que é supérfluo e que ofusca a contemplação da nossa natureza de imagem do Criador.

Referências

AGOSTINHO, Aurélio. **A Trindade**. Trad. Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

AGOSTINHO, Aurélio. **De Trinitate**. Trad. Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Lucas Dias, João Beato, Maria Cristina Pimentel. Prior Velho: Paulinas, 2007.

ANDRADE, Marcelo Pereira de. **O autoconhecimento da mens no livro X do De Trinitate de Santo Agostinho**. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/11730/1/MARCELO%20PEREIRA%20DE%20ANDRADE.pdf> >. Acesso em: 04 de setembro de 2019.

GILSON, Etienne. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Recebido em: 14/09/2021

Aprovado em: 31/10/2022